

## 19º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

### TEXTO: GÊNESIS 32.22-32

#### 1. Tema do dia

A principal temática das leituras para este domingo é a oração. A oração é um poderoso recurso principalmente para os momentos de adversidade. Por meio da oração, lutamos com Deus em meio às angústias e tribulações da vida.

#### 2. Leituras bíblicas para o domingo

**Salmo 121:** Um cântico de peregrinação, faz parte do bloco que vai do Salmo 120 até o 134. Todos os anos os israelitas deveriam ir ao santuário para se reunir em culto a Deus, durante a peregrinação eles entoavam hinos e salmos. O Salmo 121 é um hino de louvor que expressa confiança em Deus, reconhecendo que somente o Senhor é a verdadeira fonte de auxílio e proteção nas dificuldades. Este Salmo exalta o Senhor que fez o céu e a terra, ele é maior do que os mais altos montes, somente dele virá o socorro nos momentos de aflição (vv.1,2). O Senhor não descansa nem dorme, é o guarda de Israel, não os deixará vacilar (vv.3,4). O Senhor é refúgio certo, auxílio e proteção para todas as situações (vv.5,6). Ele guarda os seus de todo o mal, nele há segurança hoje e para sempre (vv.7,8).

Assim como os israelitas enfrentaram inúmeras adversidades, constantemente somos surpreendidos por dificuldades e problemas. Em nossa peregrinação rumo à eternidade, sempre encontraremos auxílio e proteção no Senhor. O Deus de Israel é também o nosso Deus, refúgio certo nos momentos de aflição.

**Gênesis 32.22-32:** Depois de 20 anos fora de casa, Jacó está retornando ao lar. No entanto, o reencontro com seu irmão Esaú o deixa aflito e apreensivo. Será que ele o perdoaria pelo que fez no passado? (Gn 27) Jacó sente medo. Em sua profunda necessidade, ele ora. Quando está sozinho, um homem luta com ele até o amanhecer (v.24). É o próprio Deus, que muda seu nome para Israel. Ele suplica por sua benção (v.26) e a recebe (v.29). Jacó luta com Deus e os homens e prevalece (v.28). A luta o ensina que em todas as situações, especialmente nas adversidades, deve buscar auxílio somente em Deus. Jacó, agora Israel, submete-se à vontade de Deus, reconhece sua dependência. Para que não se esqueça disso,

Deus fere sua coxa (v.25), ele sai de Peniel mancando (v.31). Jacó viu a Deus e sua vida foi salva (v.30).

Por vezes, Deus também parece ser o nosso opositor, permitindo que enfrentemos situações que não gostaríamos de enfrentar. Ficamos apreensivos e aflitos: sentimos medo. Ficamos indignados e angustiados: sofremos. Nestas horas, suplicamos, esbravejamos, questionamos. Mesmo que não entendamos, nos submetemos à sua vontade, reconhecemos a nossa dependência. Assim é a oração, por meio dela lutamos com Deus, e recebemos a sua bênção. São justamente as situações adversas que mais podem nos aproximar de Deus. Durante a turbulência talvez seja difícil sentir a sua presença, mas quando ela passar perceberemos que Deus esteve conosco o tempo todo – era com Ele que estávamos lutando. Então podemos exclamar como Jacó: “Vi Deus face a face e minha vida foi salva” (v.30). A oração nos conecta com Deus, quanto maior a necessidade, mais sincera será a oração. Como disse Martinho Lutero: “A oração autêntica exige uma situação muito séria, que a pessoa sinta aperto, uma necessidade tal que nos oprime e nos impele a clamar e gritar”.

**2Timóteo 3.14-4.5:** Com a proximidade de seu martírio, o apóstolo Paulo exorta o jovem pastor Timóteo a permanecer fiel às sagradas letras que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus (vv.14,15). Paulo lembra que toda a Escritura é inspirada por Deus, útil para o ensino, repreensão, correção e educação na justiça (v.16). A Palavra de Deus é Lei e Evangelho, ela acusa e repreende o pecado, mas também anuncia o gracioso perdão que há em Cristo. A Palavra é indispensável para a salvação e santificação dos crentes (v.17). Timóteo deve pregar esta Palavra com insistência, quer seja oportuno ou não, deve corrigir, repreender, exortar com paciência, sempre em acordo com a sã doutrina (v.2). Chegará o tempo em que muitas pessoas não suportarão o verdadeiro ensino da Palavra de Deus, procurarão mestres que lhes falem o que “desejam” ouvir, não o que “precisam” ouvir – trocarão a verdade pela mentira (vv.3,4). Em meio a tudo isso, ele deve permanecer fiel ao ministério para o qual foi chamado, anunciando o Evangelho e suportando as aflições que surgirão (v.5).

Jesus Cristo ainda hoje realiza sua obra profética entre as pessoas. Ele o faz através do Ofício do Ministério Pastoral. Os pastores têm o dever de pregar a Palavra e administrar os Sacramentos de acordo com a sã doutrina expressa na Palavra de Deus, conforme ordem do próprio Cristo. Ser fiel à Palavra – repreender, admoestar, corrigir, levar pessoas ao conhecimento do pecado para que recebam o perdão do Evangelho – pode vir acompanhado

da cruz. Aqueles que se comprometem com o verdadeiro ensino da Palavra não estarão livres de perseguição e sofrimento. São muitos os que hoje em dia não dão ouvidos à Palavra, preferem seguir os desejos enganosos do próprio coração, deixando-se levar por falsos mestres que lhes falam de modo agradável. Há também aqueles que abertamente se opõem à Palavra Seja em meio à oposição, ceticismo, indiferença, incredulidade, devemos permanecer fiéis ao ministério que nos foi confiado pelo próprio Cristo. Sejamos sóbrios em todas as coisas, suportemos as aflições que poderão surgir, cumpramos plenamente a missão de anunciar o Evangelho (v.5). Que o Deus triúno – Pai, Filho e Espírito Santo – nos capacite e fortaleça nesta nobre e sublime missão.

**Lucas 18.1-8:** Jesus conta essa parábola para ensinar aos seus discípulos que deveriam orar sempre, sem desanimar (v.1). Ele usa o argumento do menor para o maior. A ação relutante de um juiz injusto (o menor) é comparada à ação “ainda mais justa” de um Deus justo (o maior). A chave para esta parábola é a persistência. Se até mesmo um juiz injusto responde à persistência da mulher, quanto mais o Deus da justiça não ouvirá o clamor das orações dos seus filhos? (vv.2-8). A pergunta retórica ao final enfatiza a confiança, que é o ingrediente principal na oração dos crentes (v.8). Jesus ensina sobre a persistência na oração em vista das tensões e angústias dos últimos tempos. Também o apóstolo Paulo exorta: “orem sem cessar” (1 Ts 5.17). O próprio Jesus Cristo garante: Deus responderá às orações do seu povo.

Jesus ensina que devemos persistir na oração – orar sempre, com insistência, de dia e noite (v.7). Martinho Lutero lembra: “Um cristão sem oração é coisa tão impossível quanto uma pessoa viva sem pulsação”. Quanto mais oramos, maior a fé; ou, quanto maior a fé, mais oramos. Como disse Santo Agostinho: “A fé verte em oração, e o verter da oração obtém o fortalecimento da fé”. Deus não é fingido nem injusto, Ele é bondoso, compassivo e amoroso. Deus está sempre pronto para ouvir e responder ao insistente clamor dos seus queridos filhos, quando em suas necessidades e angústias, de dia e noite, eles oram sem cessar.

### **3. Conexão entre as leituras**

A temática central que perpassa os quatro textos bíblicos é a oração. O texto do Evangelho (**Lc 18.1-8**) claramente aborda a oração. O próprio Jesus Cristo exorta os fiéis para que orem continuamente. Em meio às necessidades, devemos persistir e insistir na oração, o Deus da justiça responderá seus filhos. O texto do Antigo Testamento (**Gn 32.22-32**) nos ensina que a oração é uma luta com Deus, quanto maior a tribulação, mais sincera a oração.

Nestas situações reconhecemos a nossa total dependência de Deus, nos submetemos à sua vontade e recebemos dele a bênção. O **Salmo 121** é um hino de louvor que afirma a plena confiança neste Deus. O Senhor que é a única e verdadeira fonte de auxílio e proteção nos momentos de aflição. O texto da epístola (**2 Tm 3.14-4.5**) é uma recomendação especial aos pastores da Igreja de Cristo. Em meio às adversidades que poderão surgir em decorrência da fidelidade à Palavra, devemos permanecer firmes no anúncio do Evangelho. A oração é, sem sombra de dúvidas, uma ferramenta indispensável na vida de cada pastor.

#### **4. Estudo aprofundado do texto de Gênesis 32.22-32**

##### *Comentários bíblicos*

O grandioso encontro com Deus foi quando Jacó reconheceu estar exposto a uma situação que ia muito além de sua capacidade – o reencontro com seu irmão Esaú, a quem tinha enganado no passado. A ameaça que o encontro poderia representar já o havia levado à oração anteriormente (Gn 31.9-12). Quando Jacó ficou sozinho, naturalmente seus pensamentos se voltaram para a oração, mas isso é descrito em termos de “um homem lutava com ele” (v.24b). No entanto, não era contra Esaú ou Labão que ele mediria forças agora, mas com o próprio Deus. Leupold afirma que os termos usados para descrever a oração dão conta de que ela envolve uma luta do homem por completo, corpo e alma. A luta de Jacó com Deus não era imaginária, ela de fato aconteceu e registra o mais alto desenvolvimento da vida de fé do patriarca. O poder motivador por trás dessa luta é a fé e o desejo de receber a graça justificadora de Deus. O meio empregado é a oração fervorosa.

O profeta Oseias menciona a luta de Jacó no capítulo 12 de seu livro: “No ventre, Jacó pegou no calcanhar de seu irmão; no vigor da sua idade, lutou com Deus. Lutou com o anjo e venceu; chorou e pediu que o abençoasse” (Os 12.3,4a – NAA). Nesta passagem, o oponente de Jacó é descrito como um anjo. Leupold argumenta que as teofanias do Antigo Testamento regularmente envolvem o Anjo do Senhor, portanto, não devemos nos surpreender que aquele que geralmente assume a forma angelical aqui possa ter assumido a forma humana, como o fez mais tarde, na encarnação. Martinho Lutero afirma, categoricamente, que “o lutador é o Senhor da glória, o próprio Deus, ou o Filho de Deus, que iria se encarnar e que apareceu e falou aos pais”.

Lutero reconhece que esta passagem é uma das mais obscuras do Antigo Testamento, pois trata da tentação em que Jacó teve que lutar não contra carne, sangue ou o diabo, mas

contra o próprio Deus. Deus se opôs a ele, lutando de forma hostil, como se estivesse a ponto de tirar a sua vida. Assim, Deus, em sua grande bondade, lidou de forma bem familiar com Jacó, seu patriarca escolhido, disciplinou-o como se estivesse “gentilmente brincando” com ele. Mas esta brincadeira significava uma dor infinita e grande angústia no coração. O reformador lembra que Deus está acostumado a “brincar” desta forma com seus santos, mas para nós isso pode não parecer uma brincadeira – pode até ser bastante doloroso. Entretanto, é um excelente e salutar exercício e uma perfeita instrução que nos conforma com a boa, aceitável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.2). Nos momentos de dificuldade podemos ser tentados a achar que fomos abandonados por Deus. Esta é a mais séria tentação pela qual os santos geralmente são disciplinados, resistir a esta tentação é chegar ao conhecimento da vontade de Deus. É desta forma que Jacó foi tentado, ele achou que Deus o tivesse abandonado, mas se apegou firmemente à promessa que lhe tinha sido feita.

*Vendo este que não podia com Jacó (v.25a).* Nessa luta o patriarca “prevaleceu”. Isso não quer dizer que Jacó tenha derrotado a Deus, mas que finalmente satisfizesse a exigência que Deus fez na aliança, a saber, submissão dócil. A luta pela submissão deixou-lhe uma lembrança não muito agradável de sua vitória. Contudo, para quem, até então, havia se valido de artificios carnis diante das adversidades, este golpe serviria como um aviso contra uma possível recaída. Depois do ferimento sofrido, o antagonismo se tornou uma insistente dependência – Jacó saiu da luta ferido, com um novo nome e abençoado. O ferimento na coxa (v.25b) seria uma prova da realidade da luta. Lutero lembra que Deus não faz o uso de toda a sua força – Ele é muito mais forte que o ser humano –, o Senhor usa apenas aquilo que o homem pode suportar. Jacó prevaleceu porque Deus preservou a propriedade de seu caráter – ele é o portador da promessa, à qual se apegou. Jacó creu, a isso Deus se rende, por isso tocou-lhe a articulação da coxa.

Leupold ressalta que a declaração “Jacó prevaleceu” não contesta a onipotência de Deus, mas retrata efetivamente o poder da oração. Deus permite que a oração dos homens seja poderosa aos seus olhos. Ao mesmo tempo, há um certo grau de verdade na ideia de que Deus é o oponente dos crentes enquanto eles oram. Ele se opõe porque a vontade pecaminosa daqueles que oram frequentemente está em discordância com a vontade divina. No entanto, uma vez que a vontade humana pode aprender a se submeter à vontade divina, Deus já não “prevalece” contra aqueles que em submissão oram fervorosamente.

Lutero ainda pontua que Deus se rende a nós não por meio de forças ou obras humanas, mas por meio de sua Palavra revelada, promessa e batismo – quando a estas nos apegamos em fé. Os crentes lutam e prevalecem quando – nos momentos em que Deus parece se colocar contra eles e não querer ouvi-los – oram: “Em tua Palavra, prometeste estar ao meu lado. A tua promessa não muda. Eu sou teu filho batizado: estou absolvido”. Ao insistir na oração desta forma, Deus cede e diz: “Seja feito como você pediu. Você tem a promessa e a bênção”. Isso acontece por meio da fé, quando ela se agarra firmemente à Palavra de Deus, até vencer sua ira e tê-lo como um Pai gracioso. É pela fé, na luta da cruz, que se aprende a reconhecer e vivenciar Deus da maneira correta.

*Deixe-me ir, pois já rompeu o dia* (v.26a). Há uma razão bíblica simples e sólida para isso, conforme Êx 33.20, o ser humano não pode ver a face de Deus e viver. A fragilidade de Jacó, homem mortal e pecador, não teria suportado a visão gloriosa do pré-encarnado – foi para poupá-lo que Ele pediu para ir. Jacó, reconhecendo o caráter divino de seu oponente, suplicou por sua bênção: *Não o deixarei ir se você não me abençoar* (v.26b). Toda fé verdadeira, tendo se apoiado nas promessas de Deus, deve ter algo dessa persistência.

Ao perguntar o nome de Jacó (v. 27a), a atenção é centrada no que estava por vir e na conotação que seu nome representava. Jacó, o enganador (Gn 27.36), deveria lembrar como, até então, tinha mostrado as características de alguém que, em situações de emergência, recorria à furtividade e artimanhas. *Seu nome não será mais Jacó, e sim Israel, pois você lutou com Deus e com os homens e prevaleceu* (v.28). Leupold diz que Jacó lutou com Deus e prevaleceu, num sentido bom e honrado. Ele também encontrou oposição por parte dos homens, como ilustram seus confrontos com Esaú e Labão. A mudança de nome leva ao clímax de uma vida de luta com os outros. Por meio de tudo isso, Jacó conseguiu perceber a importância de ser abençoado por Deus. O Deus de seu pai e seu avô passou a ser também o Deus dele. Kidner acrescenta que o novo nome seria um atestado da sua nova posição. Foi um sinal da graça, apagando uma antiga repreensão (Gn 27.36), e um investimento honroso pelo qual viver.

A luta com Deus mudou o rumo de sua vida, ele já não seria mais o “enganador”, mas Israel, o pai das doze tribos que formariam a grande nação de Israel, o povo escolhido de Deus. Hummel lembra que ainda hoje, “Israel” ou “filhos de Israel” continua sendo a maior autodesignação do povo do pacto, que tipologicamente corresponde à Igreja Cristã. Israel é o nome “batismal” ou “cristão” do povo de Deus. No entanto, este povo também continua sendo

“Jacó”, que em discurso profético muitas vezes se alterna com o novo nome – *simul iustus et peccator*.

Embora Jacó soubesse que estava lutando com Deus, como indica o seu pedido de bênção, ele deseja a confirmação da identidade do seu opositor: *Por favor, diga-me como você se chama* (v.29a). De acordo com o idioma hebraico, essa pergunta implica que o nome é o índice do caráter ou da personalidade. *Por que você pergunta pelo meu nome?* (v. 29b). A falta de resposta deixa o nome, bem como toda aquela experiência, envolta em mistério. Nas experiências espirituais existe e deve haver o desafio do misterioso. *E o abençoou ali* (v.29c). Desta vez a bênção foi sem mancha, no receber e no dar: era dele mesmo, não tramada, e sem intermediário. Leupold entende que a bênção é uma revelação adicional do nome e do ser daquele que com Jacó havia lutado. A própria bênção é adicional, pois toda aquela experiência já pode ser considerada uma bênção – uma experiência purificadora, quebrando sua autoconfiança e lançando-o totalmente sob a misericórdia divina. Quebrantado por Deus (Gn 32.25), foi assim que Jacó alcançou sua derradeira vitória e bênção espiritual. Lutero observa que esta pode ter sido a grande bênção patriarcal concernente ao Messias vindouro, por meio do qual, como “semente” de Jacó, todas as famílias da terra seriam abençoadas.

*Jacó deu àquele lugar o nome de Peniel* (30a). Peniel quer dizer, rosto ou face de Deus. *Vi Deus face a face, e a minha vida foi salva* (30b). Esta experiência foi real, Jacó teve um encontro direto e pessoal com o Senhor. Deus não apenas permitiu que nenhum mal lhe acontecesse, mas o restaurou novamente, que de outra forma certamente teria perecido. O novo nome que foi dado a Jacó (Israel) é a personificação de toda a experiência vivenciada em Peniel. Lutero diz que foi o próprio Senhor Jesus Cristo que o testou, não para destruí-lo, mas para confirmá-lo e fortalecê-lo a fim de que por meio desta luta pudesse aprender mais corretamente sobre a força da promessa.

*Por isso, até hoje, os filhos de Israel não comem o nervo do quadril...* (V. 32). Sobre este versículo, Leupold explica que Deus não exige essa observância ritual na lei mosaica, mas os descendentes de Israel por sua própria vontade instituíram a prática, pois reconheceram que a experiência de Jacó era extremamente importante também para eles.

Lutero afirma que assim como Deus lutou com Jacó, muitas vezes Ele também parece estar se opondo aos crentes e sua igreja. São aqueles momentos em que somos acometidos por tribulações, dificuldades e aflições. Nestas situações pode parecer que Deus nos abandonou ou está escondido. Mas na Palavra e nos Sacramentos, por meio da fé, Ele sempre pode ser

encontrado – é ali que Ele se revela. Estes são os meios pelos quais vemos a face bondosa de Deus e a nossa vida é salva. Portanto, devemos continuamente tomar os patriarcas como exemplo para aprender que também nossos atos de fé, da mesma forma as aflições que suportamos na fé, são aceitáveis a Deus e como um sacrifício contínuo. Este é um grande consolo para os crentes.

O reformador também reforça o fato de que não estamos sozinhos nestas lutas, pois todos os santos que creem no Filho de Deus experimentam lutas e tentações constantes, pelas quais eles e toda a igreja são disciplinados. Quando supomos que Deus rejeitou, ou abandonou, um de seus filhos, então devemos concluir que Deus o tomou em seus braços. É assim que Deus trata os seus santos: quando pensamos que tudo acabou, ele nos abraça como seus filhos mais queridos. Deus trata seus filhos como um pai que não quer a perdição deles, por isso os disciplina e repreende para que se tornem íntegros e irrepreensíveis. Quando enfrentamos a disciplina podemos achar que Deus esteja sendo injusto ou tirano, mas passada a tribulação, segue a alegria e a bênção. Somente quando voltamos das trevas e da sombra da morte é que percebemos que a luz é muito mais agradável, entendemos e sentimos quão bom e doce é o Senhor. Como está escrito na carta ao Hebreus: “Na verdade, toda disciplina, ao ser aplicada, não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza. Porém, mais tarde, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça” (Hb 12.11 – NAA). É então que podemos exclamar: “Que Deus misericordioso eu tenho! Nunca tinha pensado que Deus pudesse estar tão perto de mim.” São as tribulações que mais nos aproximam de Deus e nos moldam para a salvação eterna.

Lutero conclui afirmando que ver o Senhor face a face é ser tirado da pior situação, do próprio inferno, e ser conduzido ao céu – somente o próprio Deus pode fazer isso. É o próprio Deus que conduz à sepultura e depois traz de volta (1 Sm 2.6). Foi isso o que Deus fez com Jacó, é isso que Ele faz com seus amados filhos. A vontade de Deus é mortificar a nossa carne contaminada pelo pecado, para que aprendamos qual a sua boa, perfeita e aceitável vontade, e assim vivamos uma vida santificada. Na luta como Deus, o crente é vitorioso por meio da fé e oração. Deus prometeu ser o nosso Defensor e Salvador, doador de todas as bênçãos. Isso Ele não negará. Gloriar-se nas Suas bênçãos, insistir e suplicar por elas, é ser verdadeiramente filhos de Deus de acordo com a promessa.

***Aplicação: verdades sobre o ser humano e sobre Deus***

O texto mostra como o ser humano realmente é, ele pode ser valente, astuto, engenhoso e pretensioso nas situações que aparentemente estão sob seu controle, mas quando surgem adversidade, perigos reais e grandes dificuldades, a fraqueza e limitação humana são escancaradas. Jacó é um claro exemplo disso. Até então, o patriarca sempre tinha dado um jeito de se livrar do aperto e conseguir aquilo que queria. Jacó tomou astutamente a primogenitura do seu irmão – é claro que precisamos considerar também o desprezo de Esaú (Gn 25.27-34); com o auxílio de sua mãe, ele engenhosamente apropriou-se da bênção que deveria ser do seu irmão (Gn 27.1-29); quando viu sua vida em perigo, fugiu para a casa do seu tio Labão (Gn 27.41-45); é verdade que Labão o enganou e explorou, fazendo-o trabalhar 14 anos pelo casamento com Raquel, mas Jacó também deu um jeito de se “vingar” do sogro, juntando muitas riquezas às custas dele (Gn 29 e 30). Não foi em vão que Esaú disse: “Não é com razão que ele se chama Jacó? Pois já duas vezes me enganou: tirou-me o direito de primogenitura e agora tomou a bênção que era minha” (Gn 27.36).

Agora, no entanto, Jacó enfrentava uma situação real de perigo – ele, suas esposas, filhos e bens. Jacó estava prestes a reencontrar seu irmão, a notícia de que ele se aproximava com 400 homens o deixou apreensivo e com muito medo (Gn 32.6,7). E convenhamos, por tudo o que tinha feito no passado, ele tinha razões concretas para temer Esaú. Diante da situação, Jacó orou a Deus: “Deus de meu pai Abraão e Deus de meu pai Isaque, ó Senhor, que me disseste: ‘Volte para a sua terra e para a sua parentela, e eu farei bem à você’, sou indigno de todas as misericórdias e de toda a fidelidade que tens usado para com o teu servo. Pois com apenas o meu cajado atravessei este Jordão; já agora sou dois grupos. Livra-me das mãos de meu irmão Esaú, porque temo que ele venha e ataque a mim e às mães com os filhos. Pois tu disseste: ‘Certamente serei bondoso com você e lhe darei uma descendência como a areia do mar, que, de tão numerosa, não se pode contar’” (Gn 32.9-12).

O medo que Jacó sentia do reencontro com seu irmão fica nítido na oração. Em primeira análise, aparenta ser uma oração confiante e piedosa, ele reconhece a bênção e a misericórdia divina, que é indigno de tudo o que Deus havia feito em sua vida. Entretanto, a oração parece dar a impressão de barganha. Jacó usa dois elementos a seu favor: Deus havia pedido que voltasse à casa do seu pai; também o havia prometido uma numerosa descendência. Ora, se Deus o havia pedido e prometido estas coisas, que desse um jeito de livrá-lo de Esaú! É claro que é possível argumentar que a menção destes detalhes demonstra confiança em Deus e apego à promessa. Contudo, a atitude posterior demonstra que sua confiança ainda não era plena. Após a oração, mais uma vez Jacó tentou dar um “jeitinho”

para resolver a situação. Ele separou alguns animais e os dividiu em grupos para mandá-los de presente ao irmão numa tentativa de aplacar a sua ira (Gn 32.13-21).

Ainda assim, Jacó não se tranquilizou, talvez, tudo aquilo fosse insuficiente para poupá-lo da fúria de Esaú. Em sua angústia e inquietação, ele ficou sozinho, se isolou. É então que Deus, o protagonista desta narrativa e de toda a história humana, entra em cena (Gn 32.24). A luta fez com que Jacó realmente conhecesse o Deus ao qual havia orado – aquele que o havia abençoado em Betel (Gn 28.13-15), que havia lhe pedido para voltar à casa de seu pai (Gn 31.3), que lhe havia concedido tantas bênçãos ao longo dos anos (Gn 29 e 30). A luta com Deus colocou Jacó no seu devido lugar – o fez reconhecer que é apenas um simples mortal. Por mais que sua astúcia e engenhosidade o tivessem livrado de muitas situações anteriores, nas situações reais de perigo somente Deus poderia livrá-lo. Na luta, Deus foi mais que misericordioso, poupou a vida do patriarca. Jacó prevaleceu por pura misericórdia divina, pois conformou-se com a vontade de Deus, reconheceu sua total dependência. Por isso, a sua vida foi abençoada. Deus é o protagonista: Aquele que abençoa, molda e disciplina.

Nós não somos diferentes de Jacó. Quando tudo vai bem, nossa autossuficiência sobressai, somos tentados a achar que tudo está sob o nosso controle, administramos tudo conforme nossos planos e estratégias. Porém, ao surgirem problemas e adversidades que extrapolam nossa capacidade de controle – situações de perigo, morte ou luto, doenças, zombaria, perseguição –, somos levados a nos refugiar no único que realmente tem tudo sob controle. Nestes momentos, podemos ser tentados a achar que estamos sozinhos, que Deus nos abandonou ou que está se opondo a nós. Podemos até tentar barganhar com Deus, tentar dar o nosso jeitinho... afinal, se Jacó o fez?!

No fim, o que nos resta é a oração, por meio da qual lutamos com Deus – questionamos, nos indignamos, esbravejamos, choramos. Por mais que não entendamos, por mais que doa, aceitamos a sua vontade, pois sabemos que ele sabe o que é melhor. É submissão e dependência total. Reconhecer que Deus é Deus. Nós não. Esta é a hora em que Deus, em sua profunda misericórdia, se rende e nos declara vitoriosos. Isso só é possível por meio da fé em Jesus Cristo. Prevaler não é ser superior a Deus ou domesticá-lo, mas ser disciplinado e moldado conforme sua boa e agradável vontade.

### *Aspecto Cristológico*

O principal aspecto Cristológico deste texto é a **Teologia da cruz**. Assim como o amor de Deus pela humanidade revelou-se plenamente na dolorosa e humilhante cruz, Deus se revelou a Jacó em meio ao medo que o reencontro com Esaú lhe trouxe. Deus lutou com ele em sua angústia. Jacó submeteu-se à vontade de Deus e reconhecer sua total dependência. Em seu sofrimento, o patriarca foi poupado e recebeu a bênção de Deus. A luta entre o Jacó pecador e o Cristo pré-encarnado prefigura a luta da cruz. No Calvário, Jesus Cristo – verdadeiro homem e verdadeiro Deus – assumiu o lugar dos descendentes de Jacó e de toda a humanidade, tomando sobre si todos os pecados, a fim de que fôssemos declarados vitoriosos diante de Deus. Na batalha da cruz, nossos pecados foram perdoados. Pela fé em Jesus Cristo recebemos um novo nome, somos abençoados, tornados filhos de Deus e herdeiros da vida eterna.

Deus também está conosco quando sofremos, mesmo naqueles momentos em que ele parece ter se esquecido da gente. Deus é compassivo, converte o mal em bem e abençoa a nossa vida. Deus é misericordioso, não poupou seu próprio Filho da terrível morte de cruz, a fim de que nossa vida fosse poupada e recebêssemos a bênção do perdão e da eterna salvação. Deus está onde parece impossível ele estar: em meio ao sofrimento, pendurado numa cruz. Cristo tomou sobre si o nosso maior sofrimento e está conosco em todas as situações.

### **5. Sugestão de esboço para sermão**

**Tema:** Lutando com Deus por meio da oração

#### **Introdução**

O que é a oração? Por que oramos? Para quem oramos? Quando oramos?

#### **1. De Jacó à Israel**

1.1 Jacó, o enganador: astúcia e artimanhas para conseguir o que queria e se livrar dos perigos;

1.2 Jacó, o angustiado: uma situação além de sua capacidade de controle – Deus entra em cena;

1.3 Israel, o abençoado: a luta e o prevalecer – dependência total e submissão à vontade de Deus.

## **2. O Jacó em cada um de nós**

2.1 Quando tudo vai bem: dá-se um jeito, “controle” da situação – autossuficiência;

2.2 Quando surgem adversidades: preocupação, angústia, medo, desespero – insuficiência;

2.3 Luta com Deus por meio da oração: dependência e submissão ao que tem o controle sobre tudo.

## **3. O Israel pendurado na cruz**

3.1 Jesus, o substituto: na maior das lutas, ele assumiu o lugar de Jacó e o nosso – perdão e salvação;

3.2 A bênção e o novo nome: meios da graça (Palavra e Sacramentos) – filhos de Deus pela fé (Israel);

3.2 Luta entre “Jacó” e “Israel”: *simul iustus et peccator* – dependência e submissão à graça de Deus.

## **Conclusão**

O ferimento na coxa: continuamos cambaleando e sofrendo neste mundo. Jesus exorta para que insistamos e persistamos na oração, pois Deus ouvirá seus filhos (Lc 18.1-8). Ele é a única e melhor fonte de auxílio e proteção em meio às angústias e aflições da vida (Sl 121). Prevalecemos quando, em humildade e fé, reconhecemos nossa dependência e nos submetemos à vontade de Deus. É desta forma que somos abençoados e conduzidos para a salvação eterna.

*Deus o abençoe e oriente no preparar da mensagem e no anunciar da sua Palavra!*

*Rev. Miguel Zehetmeyer Bergmann*

*CEL Filadélfia, Bela Aurora, Cariacica – Espírito Santo*

*Paróquia Esperança*